A figura de "Um como um Filho de um Homem" em Daniel 7

O Messias na compreensão de Daniel

1. O CONTEXTO LITERÁRIO

O Livro de Daniel é um dos livros mais discutidos entre os estudiosos, especialmente por causa de seu caráter apocalíptico.[1]

Dentre os pontos mais discutidos no livro de Daniel temos o capítulo 7, que quanto ao seu estilo está ligado aos capítulos 8 a 9, pois usa a primeira pessoa do singular (estilo), mas este capítulo está escrito em aramaico, como os capítulos 2 a 6. Podemos dizer, portanto, que Daniel 7 ocupa uma posição central no livro, pois de um lado está ligado aos capítulos anteriores pela língua, apesar de não acompanhar o mesmo estilo e, por outro lado, está ligado aos capítulos posteriores pelo estilo, apesar de estar escrito em outra língua que não o hebraico. O capítulo 1 de Daniel, que é possivelmente uma introdução redacional, está também escrito em hebraico, como os capítulos 8–12.[2]

Esta simples observação nos leva a entender Daniel 7 como uma espécie de ponte dentro do livro, pois ele une a parte aramaica com a hebraica.

É muito provável que a parte do livro escrita em aramaico (2–7) seja mais antiga, que a parte escrita em hebraico (cap. 1 e 8–12).[3]

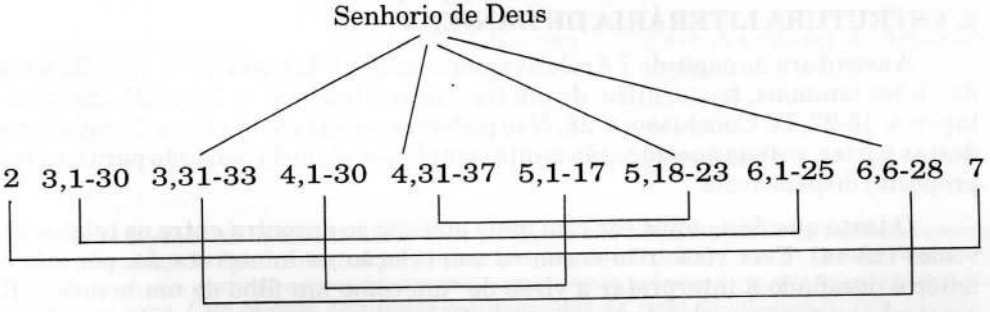
1. Veja KOCH. *Das Buch Daniel*, em: Beiträge der Forschung 44 (Darmstadt 1980).

2. A discussão em torno da estrutura do livro se fundamenta basicamente sobre três questões: 1. Diferentes estilos; 2. Diferentes línguas; 3. Diferentes cronologias. Compare: KATZ. *Translatio imperii. Untersuchung zu den aramäischen Danielerzählungen und ihrem theologischen Umfeld* (Neukirchen-Vluyn 1991), 1-8; DOLLINS. *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature* (Michigan 1984), 27-39; RICHARD. O povo de Deus contra o Império. Daniel 7 em seu contexto literário e histórico, in: *Ribla* 7 (1990), 22-40; SCHÖKEL e SICRE DIAZ. *Profetas. Comentario II* (Madrid^2 1987), 1225-1230.

3. Reiner ALBERTZ compreende a história da transmissão de Dn 4–6* em três fases: 1. Contos isolados, individuais; 2. Coleção de contos: 3. Sua colocação na tradução da Septuaginta, "apesar dos dois primeiros precederem sua forma escrita no aramaico, enquanto que a última pressupõe a existência do livro de Daniel em hebraico e aramaico" (*Der Gott des Daniel. Untersuchungen zu Daniel 4-6 in der Septuagintafassung sowie zu Komposition und Theologie des aramäischen Danielbuches*. Stuttgart 1988, 165.

Reiner Albertz mostrou – a meu ver – de forma convincente, que esta parte mais antiga se baseia em documentos mais antigos ainda, sendo estes originalmente escritos em grego. Isto nos ajuda a entender melhor a composição do livro de Daniel e de maneira especial a sua parte aramaica. Em primeiro lugar não se faz mais necessário localizar Dn 2–6 ("os contos da corte") no exílio babilônico.[4] Igualmente importante é a possibilidade de datar Daniel 7 junto com 2–6 em uma composição unitária bem planejada da parte aramaica do livro.

Assim poderíamos entender esta composição com Reiner Albertz, na qual 2 e 7 estabelecem os limites externos desta composição do Daniel Aramaico (DanA). Em 2 temos o ensino apocalíptico da destruição do poder do Estado e o estabelecimento do reino de Deus, enquanto 7 também traz esta mesma temática usando outras figuras. Os limites internos são determinados por 3 e 6. Em 3 a temática central é o totalitarismo do poder político e o sofrimento dos mártires; esta mesma temática é encontrada no capítulo 6, sendo que 6,26-28 menciona o reconhecimento do reino de Deus. No centro da composição temos 3,31-33 com a questão do reconhecimento do reinado, senhorio divino; 4 com a arrogância e humilhação do poder do império (tipo = Nabucodonosor); 4,31 volta ao reconhecimento do reinado de Deus; 4,1-30 é confrontado com 5, que apresenta a arrogância do poder do império (antítipo = Baltazar); por fim, 5,18-23 levanta a questão do reconhecimento ou não reconhecimento do senhorio de Deus. [5]



Vendo DanA desta maneira, podemos afirmar que não há partes em 2–7 que não sejam apocalípticas. Toda a composição é apocalíptica e tem um interesse específico. O interesse do Daniel aramaico (DanA) é afirmar o poder de Deus, que pode destruir os poderosos e dar o poder aos fracos.[6] Dois trechos centrais nos mostram claramente este interesse.

4. COLLINS. The Court-Tales in Daniel and the Development of Apocalyptic, in: *JBL* 94 (1975), 218-234.

5. ALBERTZ, *Op. cit.*, 170s.

6. ALBERTZ, *op. cit.*, 185.

Dn 2,20-22

"Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus para todo o sempre, porque são dele a sabedoria e a força. Ele muda os tempos e as estações; ele remove os reis e estabelece os reis; é ele quem dá a sabedoria aos sábios e entendimento aos entendidos. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas e com ele mora a luz".

Aqui é afirmado o poder de Deus sobre todo senhorio humano. Ele pode dar ao ser humano o poder, tanto a nível "político" (estabelecer reis) como a nível "espiritual" (dar sabedoria). Aqui entretanto se fala em princípio, ou seja, aquilo que Deus pode fazer. Em 4,14[7] temos uma esperança mais concreta de uma ação futura de Deus:

"Esta sentença é por decreto dos vigias, e por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e dá a quem quer, e o mais humilde dos homens constitui sobre eles".

Deste verso queremos sobretudo destacar a frase "e o mais humilde dos homens constitui sobre eles", pois a meu ver nós temos aqui a chave para a compreensão de Daniel 7. Queremos lembrar que a palavra "humilde" tem mais uma conotação social que necessariamente espiritual. Portanto, trata-se "do mais baixo dentre os homens", ou seja, daquele que pertence à mais baixa classe social em oposição àqueles que pertencem à alta classe do reino.

2. ESTRUTURA LITERÁRIA DE DANIEL 7

A estrutura do capítulo 7 é relativamente clara: I. Introdução: v. 1; II. Relatos de visões (animais, trono, juízo, de um filho de um homem): v. 2-14; III. Interpretação: v. 15-27; IV. Conclusão: v. 28. Não podemos entrar em detalhes de cada uma destas partes, pois as questões são muito complexas; além do mais são para o nosso propósito dispensáveis.

O texto que desejamos ver com mais atenção se encontra entre os relatos de visões (13-14). Esta visão não encontra sua relação na interpretação, por isto o leitor é desafiado a interpretar a visão de "um como um filho de um homem". É possível que para aqueles a quem o texto foi escrito o significado estivesse claro, de maneira que o autor não viu necessidade de colocar também sua interpretação junto à interpretação da visão dos quatro animais.

Se nos voltarmos para 7,13-14 percebemos alguns aspectos importantes, já destacados por muitos exegetas:

"Eu estava olhando nas minhas visões noturnas, e eis que vinha com as nuvens do céu um como um filho de um homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e foi apresentado diante dele.

7. Em algumas traduções o texto é 4,17.

E foi-lhe dado domínio, e glória (honra), e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e seu reino tal, que não será destruído".

Primeiramente nos salta aos olhos o fato de ser uma figura humana. Isto sem dúvida está em oposição às figuras de animais no v. 3 (k). 5.6 (k) e 7. Chama a atenção também a vinda[8] desta figura, pois vem em direção oposta aos animais, que vêm das águas ou da terra. Estes dois aspectos da figura humana (*br 'nš*) destacam sua oposição, sua diferença radical dos animais apresentados anteriormente. Devemos lembrar ainda que a expressão aramaica "como um filho de um homem" (*kbr 'nš*) expressa um singular.[9] A comparação do v. 13 com o v. 4 mostra o caráter singular da expressão, que muitas vezes é compreendida de maneira coletiva. Com isto pode-se perguntar por que o autor não usa no v. 13 a expressão determinada. É bem possível que ele não tenha alguém concreto para a posição apresentada em 13-14.

Esta observação se coloca em oposição à identificação da figura humana em 13-14 com os "santos do Altíssimo" [10], como querem alguns exegetas[11], sejam quem forem estes "santos do Altíssimo". A razão principal desta identificação está nas afirmações do v. 14 com 18 e 19.

É, porém, notório que não há harmonia total entre o que recebe a figura humana e os "santos do Altíssimo".

v. 14	v. 18	v. 27
A figura humana	Santos do Altíssimo	Povo dos santos do Altíssimo
domínio	---------	domínio
glória (honra)	---------	----------
reino	reino	reino
------	--------	grandeza[12]

8. Segundo Klaus KOCH, não se pode distinguir com clareza, a partir da expressão aramaica, se o movimento da figura é de cima para baixo (compare 1Hen I,4; XXV, 3) ou de baixo para cima (4Esr XIII, 1), ou seja, partindo apenas da expressão aramaica não podemos dizer com segurança se a figura sobe ou desce. Esta questão está ligada à compreensão da visão do julgamento, pois o tribunal é estabelecido na terra, onde os animais deveriam ser julgados, já que estes não pertenciam à dimensão celeste (veja v. 3-4.17). Contra SCHÖKEL e SICRE DIAZ, *op. cit.*, 1274. Veja KOCH, *op. cit.*, 216.

9. Koch, *op. cit.*, 220.

10. Quanto à tradução de *qdšy 'lynyn* como os santos do Altíssimo veja: Martin NOTH. *Os Santos do Altíssimo*, em: NOTH, "Die Heiligen des Höchsten", in: NOTH, *Gesammelte Studien zum Alten Testament* (München ^{3}1996), 247s.

11. RICHARD, *op. cit.*, 25s; SCHÖKEL e SICRE DIAZ, 1274, entre outros.

12.

V. 14	V. 18	V. 27
kbr 'nš	'lynyn qdšn	'm 'lynyn qdšn
šltn	-	šltn'
yqr	-	-
mlk	mlkt'	mlkth
-	-	rbt'

Esta comparação mostra que há uma aproximação muito grande daquilo que recebe a figura humana e "os santos do Altíssimo", fica claro porém que "glória" (honra) é singular ao "um filho de um homem", enquanto que "grandeza" é singular ao "povo dos santos do Altíssimo".

Se começarmos por este último podemos dizer que a "grandeza" se encontra implícita no v. 14aβ, quando diz que "todos os povos, nações e línguas" o servirão. Quanto ao termo glória" (honra) não temos o mesmo resultado se nos voltarmos para o v. 18 e 27. Pois estabelecer uma igualdade entre "glória" (honra: *yqr*) e "grandeza" (*rbt'*) não é possível. Isto fica mais claro, quando nos voltamos ao uso do termo "glória" na parte aramaica do livro.

Este termo aparece sete vezes – com 7,14 – em DanA e é traduzido como "glória" ou "honra".[13]

Em 2,6 Nabucodonosor promete aos caldeus "grande glória/honra", caso estes interpretassem seu sonho. Em 2,37 "glória/honra" é algo dado por Deus ao rei, assim como poder e força.

No capítulo 4 o termo aparece duas vezes no contexto do cumprimento do sonho. Em 4,27[14] Nabucodonosor se ufana de ter construído um grande reino para sua "glória". Com o cumprimento do sonho ele é expulso do meio da comunidade dos humanos e, após reconhecer o senhorio de Deus, recobra seu entendimento e a "glória do reino" (v. 33[15]).

No capítulo 5 Daniel, em conversa com Baltazar sobre Nabucodonosor, toca no episódio de 4,25-30 (4,28-36). Em 5,18 é dito que Deus deu ao rei (Nabucodonosor) reino (*mlkt'*), grandeza (*rbt'*), glória (*yqr*) e majestade (*hdrh*). A partir deste texto vemos com mais clareza que "grandeza" e "glória" não têm o mesmo sentido.

Estes textos nos ajudam a algumas observações conclusivas.

Podemos dizer, com alguma segurança, que para o DanA "glória/honra" é algo que pode ser dado por um Senhor (Deus ou rei). Por outro lado, não podemos identificar "glória/honra" com "grandeza", isto fica especialmente claro em 5,18. Devemos ainda lembrar que a figura humana recebe o mesmo que os "santos do Altíssimo", estes porém não recebem "glória/honra". Outra observação importante é que "glória/honra" está ligada ao ser rei, realeza. A única passagem onde não temos esta ligação necessária é 2,6. Podemos contudo observar que, com o cumprimento da promessa em 2,48, Daniel se torna governador de província e chefe sobre todos os sábios da Babilônia. Também aqui podemos ver que "glória/honra" está ligada a uma posição hierárquica.

Estas observações nos ajudam – a meu ver – a compreender melhor a figura de "um como um filho de um homem" em Daniel 7.

13. KBL, 1083.

14. Em algumas traduções é 4,30.

15. Em algumas traduções é 4,36.

3. QUEM É O "UM COMO UM FILHO DE UM HOMEM"?

O DanA apresenta uma chamada à resistência e oposição contra o poder desumano e desumanizador do Estado. Uma identificação da figura humana (*br 'nš*) com os "Santos do Altíssimo" significaria, sociologicamente, uma esperança de uma ordem parecida a uma "democracia", onde o "povo oprimido"[16] teria o poder do Estado. Um projeto social destes não é de se esperar na proposta apocalíptica de Daniel. Com isto podemos dizer que uma compreensão coletiva desta figura humana não corresponde à proposta de Daniel 7, pois, como vimos, uma identificação desta figura com os "Santos do Altíssimo" não atende ao papel, que aquele que ocupar esta lugar deverá desempenhar. Tampouco me parece correto simplesmente identificar esta figura com toda a humanidade, especialmente quando se compara o v. 14 com o v. 18 e v. 27, onde há delimitação de papéis entre povos, Santos do Altíssimo e "um como um filho de um homem".

É portanto compreensível que a figura humana seja vista como indivíduo pertencente ao grupo dos Santos do Altíssimo, que porém não incorpora o coletivo, mas será simplesmente um entre os mais pobres dentre os homens, que receberá de Deus (4,14) o domínio, a glória e o reino e como senhor justo se colocará a favor dos "miseráveis", como o conselho de Daniel a Nabucodonosor nos faz ver:

> *"Portanto, ó rei, aceita meu conselho!*
> *Elimina teus pecados com a justiça*
> *e tuas iniqüidades com a misericórdia para com os miseráveis (pobres),*
> *se porventura tua sorte (bem-estar, paz) for prolongada" (4,24).*

Assim podemos ver com clareza a proposta política de DanA. Sua "teologia de resistência política" não pode ser compreendida como uma esperança a-histórica ou extra-histórica, mas uma esperança historicamente concreta, que contudo ultrapassa os limites da história. É uma esperança que encontra seu lugar no tempo e no espaço, sem porém se limitar a eles.

O DanA pretende mostrar aos leitores do movimento apocalíptico que a esperança deve estar fundamentada em Deus (2,20-23), que estabelecerá a justiça, levantando um entre os homens, que regerá com justiça em favor dos mais sofridos.

Ágabo Borges de Sousa
Rua Dr. José Carlos 55, 101
Acupe de Brotas
40290-040 Salvador, BA

16. Especialmente com NOTH (*op. cit.*) o grupo dos Santos do Altíssimo são compreendidos como seres celestiais, isto porém gera problemas na interpretação especialmente por causa de Dn 7,21 e 25 – considerado releitura do livro –, além disto, tem o uso do termo "povo" (*'m*), que não é usado para seres celestiais. O problema ainda é mais profundo, pois é uma questão de identificar os destinatários do Daniel aramaico. POYTHRESS (*The Holy Ones of the Most High in Daniel VII,* VT 26, 1976, 208-213) tenta resolver o problema argumentando que inicialmente pensava-se em "anjos", mas o redator final em sua releitura compreende como "o Israel escatológico"). COLLINS (*The Son of Man and the Saints of the Most High in the Book of Daniel*, JBL 93, 1974, 50-56) compreende este grupo como sendo formado de anjos e fiéis de Israel sob o comando de Miguel. Além de outros aspectos, a própria intenção da mensagem do livro de Daniel nos leva a entender os santos do Altíssimo com RICHARD (*op. cit.*, 29s) como povo oprimido, que com o socorro da justiça divina será liberto do poder desumano e desumanizador do Estado.